



DEU DENGGO! INTERFACE DIGITAL PARA APLICATIVO DE RELACIONAMENTO ENTRE PESSOAS NEGRAS

FERNANDA HENRIQUES • VICTÓRIA GOMES LEAL

DOI 10.52050/9788579176753.10



Este capítulo visa mostrar o desenvolvimento da interface de um aplicativo de relacionamento voltado para pessoas negras, o objetivo é que esse aplicativo funcione como uma extensão do grupo do Facebook Afrodengo, criado por Lorena Ifé, em 2017. Como fundamentação teórica também foi realizada uma revisão bibliográfica acerca dos temas que discorrem sobre afetividade negra, autoestima e relacionamentos românticos, um paralelo entre o footing e os aplicativos de relacionamento, e por último, uma correlação entre os Clubes Sociais Negros e o grupo Afrodengo.

(...)

IMAGEM DE ABERTURA

Imagem das telas de Cadastro/Login, Match e Conversas. Fonte: a Autora.

AFETIVIDADE NEGRA

E explicava: o monarca nguni era um imperador já sem império; os brancos eram um império sem imperador. Um imperador termina quando morre; um império faz morada na nossa cabeça e permanece vivo mesmo depois de desaparecer. Era do inferno e não do demônio que nos deveríamos defender. (COUTO, 2015, p. 147)

RACISMO ESTRUTURAL

Com o objetivo de aprofundar as questões raciais que impactam na construção de afetividade por pessoas, primeiro é necessário um entendimento sobre o racismo estrutural. A análise do racismo como estrutura leva em consideração, além do contexto político e econômico, o contexto histórico da sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Ao analisar o contexto histórico de formação da sociedade brasileira, vale a pena destacar, além do processo de escravização das pessoas negras trazidas da África, a marginalização desses

indivíduos na sociedade após a abolição da escravidão. Devido às teorias racistas vindas da Europa acerca do ideal ariano, estes passaram a ser vistos como um problema racial para os intelectuais brasileiros. A ideologia crescente considerava "a população brasileira como feia e geneticamente inferior devido a presença do sangue negro africano" (NASCIMENTO, 1978, p. 70). Por influência dessas teorias, à época, foram propostas políticas migratórias, a exemplo do decreto de 28 de junho de 1890, que tinham por objetivo beneficiar a vinda de brancos para o Brasil, ao mesmo tempo em que dificultava a entrada de não-brancos (NASCIMENTO, 1978, p. 71).

O objetivo era promover, com o tempo, o desaparecimento da raça negra do país através do embranquecimento da população, cujo pilar seria, além da migração de brancos para o Brasil, a miscigenação. Nesse sentido, os mestiços, vendidos ideologicamente como fruto da democracia racial no país, eram vistos por alguns intelectuais

brasileiros da época como o "primeiro degrau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro" (NASCIMENTO, 1978, p. 69).

RELAÇÃO FAMILIAR

Tendo em vista esse histórico de formação do Brasil e a análise do racismo como sendo de nível estrutural, pode-se entender que essa questão atravessa as mais diversas relações estabelecidas entre os indivíduos, sendo uma delas a relação familiar.

O âmbito familiar, ao reproduzir um olhar racista, é capaz de promover a supervalorização de um membro ou a subjugação de outro por conta da cor (HORDGE-FREEMAN, 2015, p. 53). Contribuindo para que a promoção da desigualdade ocorra desde a infância (HORDGE-FREEMAN, 2015, p. 54).

Hordge-Freeman (2015) descreve algumas situações que mostram como o racismo pode fazer parte da vida de um indivíduo desde antes do seu nascimento. Algumas das situações pontuadas

por ela em "A cor do amor" (2015) vão desde a idealização que uma mulher grávida demonstra sobre como serão as características físicas da criança — com foco especial tanto para o nariz fino quanto para os cabelos lisos — a rituais para afinar o nariz do bebê recém nascido, que consistem em apertá-lo por alguns segundos e algumas vezes ao dia. Esses rituais, apesar de não terem sido realizados pelas famílias na época da pesquisa, são constantemente lembrados por estas e pelos vizinhos que as cercam.

Um ponto que vale a pena ser destacado é a relação entre irmãos, em que esse sistema de preferências por um filho em relação ao outro se mostra por vezes explícito, podendo ocorrer devido à beleza, e quando se considera que o conceito de beleza não só se confunde com o conceito de raça, mas que, para uma sociedade que privilegia a branquitude, eles são semelhantes; essas preferências passam a ser vistas com esse viés.

Nesse sentido, a pesquisadora descreve a relação de uma garota, Regane, com sua irmã recém-nascida. Em uma das entrevistas concedidas, a garota conta sobre o medo de perder o carinho dos pais e de que estes amem mais sua irmã, visto que ela nasceu "limpinha e com o cabelo liso" (HORDGE-FREEMAN, 2015, p. 74).

Os ecos de várias influências, incluindo os desejos racializados de sua mãe para a nova bebê, a ênfase da mãe sobre o próprio cabelo liso bonito, os insultos das crianças da vizinhança e as imagens de gente bonita nas ruas, revistas e na televisão são forças poderosas contra as tentativas de Regane de construir o próprio sentimento de self (HORDGE-FREEMAN, 2015, p. 75).

Nesse trecho, ao utilizar "gente bonita", a autora se refere à própria fala dos entrevistados, em especial a mãe de Regane, ao ver pessoas brancas nos locais citados.

Nota-se que as questões raciais afetam os indivíduos desde sua primeira socialização dentro da família. Espera-se que as mães tenham filhos

mais brancos ou com características raciais/fenotípicas brancas, e quando isso não acontece, é o dever destas "consertar". Isso traz uma percepção ambígua porque, ao mesmo tempo em que esses "reparos" são feitos de forma a não querer que o filho sofra com as questões que essas características trazem, o próprio fato de isso ser feito afeta a autoestima da criança. A comparação entre os filhos e a forma como os pais falam sobre outras pessoas negras, também afeta a forma como a criança se vê, já que estas possuem características semelhantes com as que são subjugadas.

AMOR ROMÂNTICO

Já do ponto de vista do amor romântico, Hordge-Freeman pontua uma barganha imaterial, que atravessa mesmo relações intra-raciais, em que há a expectativa que o indivíduo faça uma escolha por parceiros fenotipicamente privilegiados, e quando isso não acontece, espera-se ao menos uma compensação por essa falta, seja por classe social ou status. O que impele algumas pessoas

a continuarem em relacionamentos onde há infidelidade, apenas porque seu parceiro é mais claro, acarretando em um "intercâmbio de beleza e branquitude por lealdade" (HORDGE-FREEMAN, 2015, p. 74).

Essa "compensação" por ser negro ou mais escuro que seu parceiro afetivo afeta principalmente as mulheres, quando se olha do ponto de vista da interseccionalidade, visto que o principal capital de troca feminino é estar inserido nos padrões de beleza, que são majoritariamente brancos.

Somado a isso, segundo Zanello (2022), nos relacionamentos heteronormativos, as mulheres aprendem a terceirizar a própria autoestima colocando a cargo de um homem fazer com que se sintam amadas e desejadas. Aliado a essa questão, é visto como principal conquista na vida de uma mulher o fato de estar em um relacionamento amoroso, fazendo com que as mulheres se vejam compelidas a aceitar certos comportamentos masculinos com o objetivo de manter a relação.

Zanello (2022) faz um paralelo entre tal situação e uma prateleira de supermercado, em que as mulheres que se encaixam nos padrões de beleza estariam nos locais mais visíveis e disputados, enquanto as mulheres fora desses padrões ocupariam as margens das prateleiras; ficando a cargo dos homens decidirem quais são dignas e quais não são.

Essas questões em conjunto se somam à objetificação e marginalização social das mulheres negras. Nesse sentido, vale pontuar que historicamente a própria miscigenação se iniciou pela exploração sexual dessas mulheres, vendidas como prostitutas, como forma de renda ao senhor de escravos (NASCIMENTO, 1978, p. 61).

A existência da mulata significa o "produto" do prévio estupro da mulher africana, a implicação está em que após a brutal violação, a mulata tornou-se só objeto de fornicação, enquanto a mulher negra continuou relegada à sua função original, ou seja, o trabalho compulsório (NASCIMENTO, 1978, p. 62).

[...] quais foram os desafios enfrentados por mulheres brancas e negras. Enquanto as brancas eram vistas como procriadoras dos filhos legítimos, puras e castas, quase semelhantes à imagem de Nossa Senhora, as negras eram vistas como procriadoras de novos escravizados (como coisa reproduzindo outros sujeitos-coisa), brutas, sexualizadas e animalizadas. (ZANELLO, 2022, p. 35)

Esses pontos relacionados refletem na busca das mulheres negras por afeto, visto que "a demanda sexual ou o próprio sexo" (FERNANDES, 2018, p. 61) se tornaram a forma de entrada dessas mulheres nos relacionamentos amorosos. De acordo com a tese de Fernandes (2018), pode-se observar dois caminhos nesta jornada afetiva.

O primeiro pauta o relacionamento na demanda por sexo, já que estas mulheres são procuradas majoritariamente para esse fim, comparativamente às vivências de mulheres brancas. Por isso, apesar de sentirem que seus parceiros sentem

desejo por elas, não se sentem amadas e percebem dificuldades em serem assumidas publicamente (FERNANDES, 2018, p. 61).

O segundo é o caminho trilhado por aquelas que negam relacionamentos puramente sexuais, este será o caminho de solidão afetiva (FERNANDES, 2018, p. 65). Como salienta Fernandes (2018, p. 67), "é pertinente tecer considerações sobre o fato de que a solidão vivenciada por mulheres negras se refere a uma vivência de rejeição afetiva, de preterimento que levaria as mulheres negras a um possível isolamento social passivo".

Devido a isso, uma possibilidade de encontrar amor seria na busca por um relacionamento afrocentrado. Tendo, dessa forma, alguém que reconheça e entenda as pressões e dificuldades pelas quais passam (FERNANDES, 2018, p. 70). Entretanto, nota-se que há um empecilho na busca por esses relacionamentos, já que os homens negros demonstram preferência afetiva por mulheres brancas, dado que haveria um empate nas questões de gênero e raça nessa formação — se os

homens negros são inferiores às parceiras devido à cor de sua pele, as mulheres brancas seriam inferiores devido ao gênero (SAFFIOTI, 2004, p.32).

Tendo essas questões em vista, é importante ressaltar como as relações familiares influenciam a busca por afeto dos indivíduos. Segundo bell hooks, indivíduos "constrangidos, abusados verbal e/ou fisicamente e negligenciados emocionalmente" (HOOKS, bell, 2021, p. 48) no ambiente familiar, tendem a relacionar essas ações a definições de amor, visto a dificuldade que existe em "aceitar uma definição de amor que não nos permita mais identificar o amor em nossas famílias" (HOOKS, bell, 2021, p. 48). Ainda, para a autora, "muitos de nós precisamos nos apegar a uma ideia de amor que torne o abuso aceitável ou que ao menos faça parecer que, independente do que tenha acontecido, não foi tão ruim assim" (HOOKS, bell, 2021, p. 48).

Por isso, entendendo as diversas situações de racismo que ocorrem com pessoas negras desde a primeira infância, e a forma como isso afeta a

busca por relacionamentos românticos, se dá a pertinência da análise de como são importantes ações que promovam a afetividade e afirmação da autoestima para pessoas racializadas.

PARALELOS: DO PASSADO AO PRESENTE

DO FOOTING AOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO

O objetivo dessa análise é fazer um comparativo entre o Footing e os aplicativos de relacionamento, revelando o processo histórico de entraves que as pessoas negras vivem no âmbito da socialização, com enfoque na busca por relacionamentos românticos.

O Footing era uma prática realizada no século XX, que consistia em homens e mulheres caminhando em sentido oposto por determinadas partes da cidade com o objetivo de paqueras e trocas

1. Segundo Alessandra Devulsky (2021), o colorismo funciona de forma a intensificar a desigualdade racial conforme o indivíduo se aproxima da negritude, fenotípica e culturalmente. No Brasil, essa questão também apresenta como um dos fatores o status e a classe social (HORDGE-FREEMAN, 2015), acarretando em uma percepção do indivíduo como "mais negro" ou "menos negro" dependendo do lugar que este ocupa socialmente. Isso faz com que o racismo ocorra de forma diversa entre as pessoas racializadas. No entanto, por mais brando que possa ser o tratamento que uma pessoa negra de pele clara recebe e por mais privilégios que esta possua, ela sempre será uma pessoa racializada e, portanto, nunca terá os mesmo privilégios de uma pessoa branca. Sendo assim, a prática do Footing, pelo menos na cidade de São Carlos, também possuía esse viés colorista.

de olhares. Esses flertes, por vezes, culminavam em namoros e casamentos. Entretanto, ao pesquisar sobre problemáticas raciais relacionadas à prática, foram encontradas questões relativas à segregação racial que ocorria de forma explícita. Era comum que as pessoas brancas ocupassem determinados locais socialmente vetados para pessoas negras. Estas, por sua vez, passaram a caminhar por outros espaços da cidade, se relacionando entre si.

Em uma pesquisa realizada por Natalia Alexandre Costa (2015), uma das entrevistadas cita a aparente hierarquização racial que ocorria no Footing praticado na cidade de São Carlos, e que vai ao encontro às questões relativas ao colorismo¹. Segundo a entrevistada (COSTA, 2015, p. 71), as pessoas brancas praticavam o Footing em uma parte mais valorizada da cidade, separadas das "mulatinhas mais bem arrumadinhas, bonitinhas" (COSTA, 2015, p. 71), que por sua vez, também eram separadas das pessoas pretas.

Passando para o momento atual, é possível encontrar, como forma de paquera, os aplicativos de relacionamento, que, além de proporcionarem uma busca por conexões mais distantes geograficamente, aumentando as chances e as opções de solteiros disponíveis, ao contrário do que era permitido pelas gerações anteriores (ANSARI, 2015, p. 22), também abre a possibilidade de filtragens por interesses em comum, idade e distância, por exemplo. Com isso, pode-se imaginar que a internet democratizou a busca por relacionamentos amorosos, ocorrendo sem que exista essa segregação racial vista no passado.

No entanto, é comum que o fluxo de navegação escolhido por vezes facilite o processo de descarte. Como ocorre no aplicativo do Tinder, por exemplo, em que o catálogo de usuários é feito de forma semelhante às cartas de baralho onde, uma vez que o flerte em potencial é "deslizado para a esquerda", e portanto recusado, não há possibilidade de retorno na versão gratuita. Essa

2. É importante discorrer sobre as questões raciais que acompanham a história da fotografia até os dias atuais. Na década de 1940, a calibração de cores das fotos reveladas pela Kodak, líder no mercado na época, eram feitas a partir de uma modelo branca, que, para a empresa, passaram a ser o padrão de uma foto bem calibrada e por isso, dificultava o ajuste de fotografias que continham outros tons de pele (ROTH, 2016). Apenas após a década de 1980 que a regulação dos químicos foi realizada para capturar de forma boa a imagem de pessoas negras. Entretanto, isso se deu devido a reclamações das indústrias de móveis e chocolate (ROTH, 2016). No Brasil, além da dificuldade em capturar a pele negra, as fotografias também continham obstáculos ao se tratar da captura da luz tropical do país (VELASCO, 2016).

Atualmente, continuam existindo problemas com relação à representação de pessoas negras pelas novas tecnologias. A exemplo de filtros que branqueiam e afinam as feições das pessoas (SILVA, 2020), e inteligências artificiais que não reconhecem o rosto de pessoas negras (BUOLAMWINI, 2016).

facilitação da navegação pode propiciar que o sistema de descarte ocorra com base em vieses inconscientes racistas (OISHI, 2019).

Devulsky (2021) discorre que o colorismo "só se desenvolveu a partir do momento em que um arquétipo racial se tornou regra, enquanto o outro é tomado como o elemento desviante, a ser evitado ou desprezado de modo uníssono e sistêmico" (DEVULSKY, 2021, p. 88). Por isso, ao falar sobre vieses inconscientes racistas, existe a premissa de um arquétipo racial branco tido como norma, enquanto o restante é sistematicamente evitado, e logo, mais passível ao descarte sob primeiras impressões, em aplicativos onde as fotografias² são o elemento principal.

Além disso, pode-se adicionar questões relativas à classe social, quando se pensa no aplicativo Happn que traz ferramentas de geolocalização, com o objetivo de mostrar informações sobre os locais e a quantidade de vezes que as pessoas se cruzaram.

A geolocalização identifica mais do que a nossa presença em um determinado lugar da cidade, traz marcas sociológicas que não são facilmente apagadas no processo racionalizado de se apresentar por meio de perfis. A ocupação das cidades é, historicamente, determinada por relações desiguais de poder que implicam em setorizações que trazem marcas de classe e raça. (PELÚCIO, 2016)

Nesse sentido, a partir do momento em que um aplicativo de relacionamento é produzido sem levar em consideração as questões raciais, ele beneficia o grupo mais privilegiado (branco), em detrimento ao grupo racializado. Com isso, não há uma expulsão do grupo marginalizado desse ambiente, como acontecia no Footing, mas há um processo sistemático de micro agressões. Estas possuem um caráter sutil e paralisante, e por ocorrerem incessantemente, causam complicações significativas na vida do indivíduo (SILVA, 2020, p. 124, apud, PIERCE 1969; 1970). Segundo Tarcízio Silva (2020), as micro agressões são um dos elementos do racismo algorítmico.

Quando se relaciona os problemas da tecnologia atual com o passado, vê-se um histórico que privilegia e se baseia em pessoas brancas, evoluindo sem pensar em sistemas de inclusão. No caso das tecnologias visuais, elas têm o poder de afetar a autoestima e identidade dos indivíduos (SILVA, p.74, 2022), já tão mitigada, podendo criar distorções de imagem.

3. A outra combinação com menor êxito apresentada foram homens descendentes de asiáticos (RUDDER, 2014).

Essa nova forma de racismo consiste na "promoção e implementação acríticas de tecnologias digitais que favorecem a reprodução dos desenhos de poder e opressão que já estão em vigor" (SILVA, 2023). Para exemplificar essa questão da não neutralidade das tecnologias, segundo uma pesquisa de Rudder (2014), criador do aplicativo de relacionamento OkCupid, ao analisar os dados dos próprios usuários do software e fazer um recorte de gênero e raça, constatou-se que as mulheres negras eram uma das combinações que tinham menor êxito nesses aplicativos se comparado a outras intersecções³.

Dito isso, se dá a necessidade do desenvolvimento de espaços representativos no meio digital e de se pensar no combate ao racismo na construção de novas tecnologias, como forma de firmar as necessidades dos grupos racializados. Nesse ponto, o design de experiência pode ser um elemento importante, no momento de testar e garantir a inclusão, mitigando preconceitos sociais, e fazendo com que o sistema não reforce os estereótipos e preconceitos existentes (AMERSHI, et al. 2019).

OS CLUBES SOCIAIS NEGROS E O GRUPO AFRODENGU

A seguir propõe-se um comparativo dos Clubes Sociais Negros com o grupo Afrodengu, com o objetivo de ilustrar como, historicamente, as pessoas negras buscam a criação de espaços próprios devido à segregação ou aos processos de invisibilização e micro agressões existentes nos espaços comuns.

A história dos Clubes Sociais Negros antecede a assinatura da Lei Áurea, um dos primeiros que se tem conhecimento é a Associação Club dos Escravos, formada em 1881 por escravizados no estado de São Paulo. A associação tinha como intuito "a criação de uma escola primária para escravos" (ESCOBAR, 2010, p-58,59) feita no período da noite, também eram realizados "trabalhos para a extinção da escravatura em todo o Brasil e a facilitação de fugas das fazendas" (ESCOBAR, 2010, p-58/59). Além deste, muitos clubes possuíam objetivos comunitários.

Somado a isso, também tinham como objetivo a socialização dos membros e o desenvolvimento da "autoestima, autoimagem e identidades negras, construção de sociabilidade e culturas, além de serem espaços de legitimação do poder: poder simbólico, poder invisível (cumplicidade) entre os membros" (BATISTA, 2015, p. 116).

Também possuíam o propósito de fornecer à população negra acesso a agrupamentos negados a eles pelas pessoas brancas da época. Estas participavam de "eventos sociais relacionados ao lazer, diversão, atividades artísticas e culturais" (BATISTA, 2015, p. 117), ao mesmo tempo em que negavam o acesso de pessoas negras nesses recintos, de tal maneira que, "caso houvesse infiltração ou permissão para a entrada, era constatado o isolamento do indivíduo" (BATISTA, 2015, p. 121)

A partir daí, a população negra contando meramente com seus próprios recursos, criou possibilidades de enfrentamento do sistema que acabaram por caracterizar a manutenção de sua integridade emotiva, física, mental, espiritual e cultural. No que tange às necessidades

de realizar rituais tradicionais, lazer e diversão, organizaram-se em grêmios, blocos carnavalescos, ranchos, maracatus, congadas, irmandades, criaram espaços de lazer, confraternização e divertimento. (BATISTA, 2015, p. 121)

A relevância desses espaços de socialização é pontuada na pesquisa de Rita Batista (2015) ao discutir que esses clubes "tornaram-se espaços de importância fundamental para a sobrevivência psíquica, emocional, física, moral e ideológica da população negra". Um dos entrevistados do estudo feito por Batista (2015) revela que os finais de semana vividos no clube davam forças para o enfrentamento da semana de trabalho ((BATISTA, 2015, p. 109).

Atualmente, com a criação de novos espaços digitais, que sofrem a influência do histórico de não inclusão visto no passado, viu-se a necessidade da formação de locais de afirmação que também habitassem o meio digital. Segundo Lorena, a criação do grupo Afrodengo, em 2017, se deu após perceber uma pequena quantidade de negros nos aplicativos de relacionamento que frequentava,

algo curioso, principalmente para uma moradora da Bahia, onde 80% da população é negra (GLOBO, 2022). Esse cenário de invisibilização dos aplicativos impulsionou o grupo como uma forma de burlar processos de exclusão e facilitar a criação de relacionamentos afetivos entre pessoas negras.

O Afrodengo atualmente conta com mais de 55 mil membros que utilizam a comunidade para a paquera, assim como para o compartilhamento de experiências, desenvolvimento da auto estima, discussões sobre questões raciais, além de focar em conteúdos relativos à afetividade negra. Tendo isso em vista, a correlação com os Clubes Sociais Negros que, como dito anteriormente, tinham como um dos focos a autoestima, a autoimagem e construção da identidade, se torna fluida.

Aguiar (2007), ao comentar sobre a importância dos Clubes Sociais Negros para a formação da identidade, cita Silva (1985) em uma análise sobre o Black Soul — para o autor:

Se pessoas negras se reúnem no mesmo local com uma certa constância, é de se entender que estão buscando uma identificação entre si por algum motivo, e acabam dando a esses encontros um caráter de resistência ainda que inconsciente, contra uma situação de exploração que é comum a todas. Neste momento cada indivíduo reconhece no outro um seu igual, (todos são negros e estão procurando a mesma coisa) e esta situação de estar junto tem para o negro um conteúdo muito grande [...] (AGUIAR, 2007, p. 96, apud SILVA, 1985, p. 255).

A questão apresentada em "reconhecer no outro um seu igual" é relatada pelos membros do Afrodengo, quando afirmam como a representatividade é um dos fatores de grande relevância no grupo, e o fato de poder se ver e poder se reconhecer nas pessoas ali presentes.

É válido evidenciar que, da mesma forma que os indivíduos podem tomar para si críticas negativas direcionadas a pessoas semelhantes, seja pela cor ou outras características (como relatado no tópico sobre as relações familiares), a validação positiva também pode agir desse modo. Por isso,

no momento em que as pessoas do grupo agem de forma a aumentar a autoestima de um integrante — seja dando likes em sua postagem de apresentação (que geralmente contém fotos e uma breve descrição) ou com comentários positivos sobre a pessoa — elas também validam e reforçam a autoestima daqueles que se veem como similares, mesmo que estes últimos nunca cheguem a publicar uma auto apresentação. Para as mulheres negras, maioria no grupo, também serve como uma forma de assumir seu próprio padrão de beleza.

Essas questões aparecem como um papel de grande importância na desconstrução da branquitude, já que a dicotomia da beleza serviu historicamente como uma forma de marginalização das pessoas racializadas (HORDGE-FREEMAN, 2015, p. 100). Para Hordge-Freeman, "o branco só pode ser belo ao tornar o negro feio" (2015, p. 100).

Além disso, compartilhar vivências auxilia os indivíduos a perceberem a profundidade das problemáticas sociais pelas quais são atravessados,

possuindo um maior entendimento sobre si e sobre o lugar que ocupam na sociedade. Ter essa percepção possibilita que as pessoas possam trabalhar maneiras de lutar contra essas circunstâncias de forma coletiva.

CONSTRUINDO A INTERFACE

Para a realização da interface do aplicativo foi escolhida a metodologia Double Diamond. Esse modelo, desenvolvido em 2003 pelo Design Council, uma instituição de design da Grã Bretanha, divide o processo em 4 fases; intercalando etapas divergentes, que consistem em expandir o processo criativo, e convergentes, momentos em que sintetizamos o que foi pesquisado/criado, traçando pilares para os passos seguintes.

Na etapa de pesquisa foram realizadas os seguintes estudos: uma entrevista com Lorena Ifé, criadora do grupo Afrodengo; organização dos

dados de uma pesquisa realizada no ano de 2022 por Lorena com os membros do grupo; e, ao final, uma análise de mercado.

As duas primeiras pesquisas foram muito importantes para entender o público alvo, suas dores e necessidades, além do funcionamento do grupo. Já a terceira, voltada para os concorrentes, serviu para entender como o mercado de aplicativos de relacionamento funciona atualmente. Para isso, foi utilizado alguns métodos encontrados no livro *Estratégia de UX*, escrito por Jaime Levy (2021). Os concorrentes analisados foram: Tinder, Happn, Badoo, Bumble, Her, Grindr, Slowly, e Denga Love.

Houve uma observação de como esses aplicativos funcionam e o fluxo seguido pelos usuários; sendo necessário interagir com suas funcionalidades. Durante esse processo, alguns recursos encontrados foram separados em: Pontos positivos (pontos que poderiam ser úteis nesse projeto); Diferenciais (algo característico do produto); e Pontos de atenção (pontos que poderiam ser negativos se usados nesse projeto). Ao final, também foi

realizado um agrupamento das formas de monetização utilizadas por cada concorrente, com o objetivo de ter como referência para a monetização no aplicativo Afrodengo.

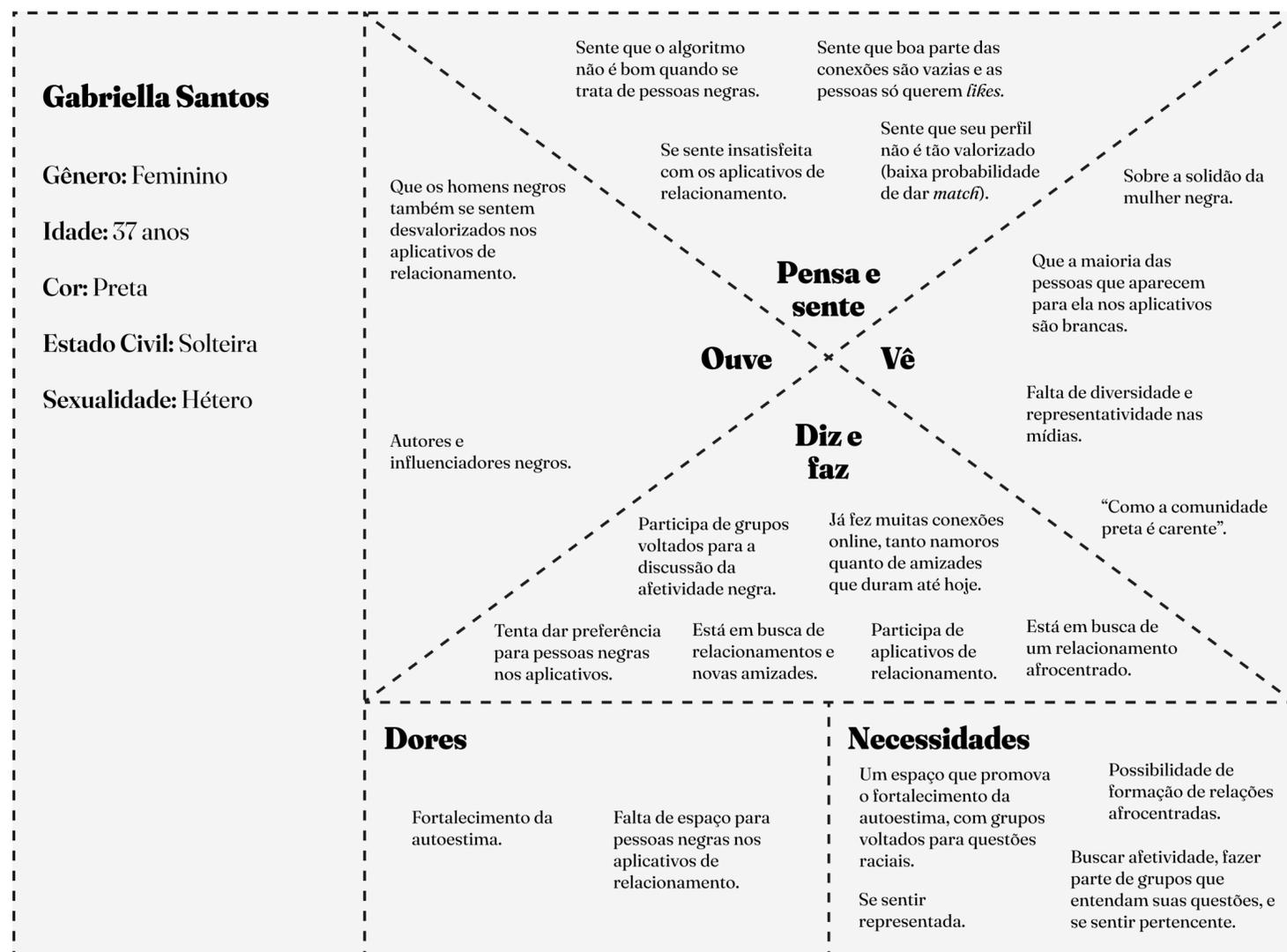
Para sintetizar essa pesquisa foi construído um mapa da empatia (Figura 1). Nele, além de apresentar o que a persona ouve, sente, diz, faz e vê, suas dores e necessidades, também foram definidos gênero, idade, cor, estado civil e sexualidade; visto que essas informações foram consideradas importantes para o projeto. Além disso, também foram criados critérios norteadores, cujo objetivo é mapear pontos guias que não devem ser perdidos de vista ao longo do desenvolvimento do produto.

Posteriormente, foi realizado um mapeamento dos fluxos que o usuário pode percorrer dentro do aplicativo. Essa é uma etapa importante para evitar "becos sem saída", ou seja, páginas que não levam a lugar algum ou com funções repetidas. Foram desenvolvidos os fluxos de Cadastro, Feed, Conversas, Eventos (Figura 2), e Perfil.

FIGURA 1

Mapa da empatia. Fonte: a Autora.

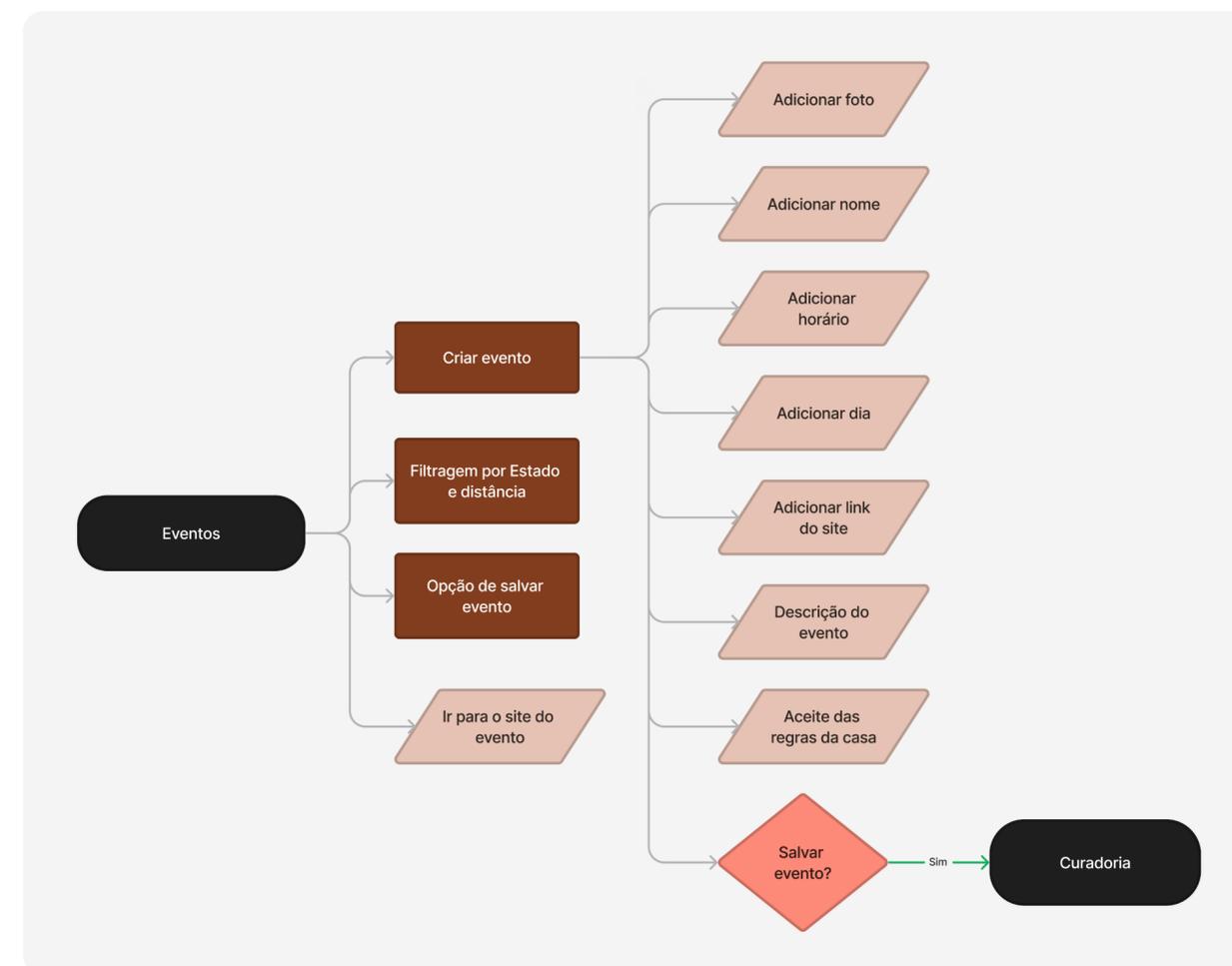
Por fim, para a identidade visual foi considerada a paleta e o logo já existentes na marca, porém foram adicionadas outras cores para complementar



a composição das telas, tais como escala de cinza, cores de erro e confirmação, além da paleta para o alto contraste⁴. Para a tipografia foi escolhida a Fraunces, das Phaedra Charles e Flavia Zimbardi, sendo esta última uma tipógrafa brasileira; a tipografia possui como uma das inspirações a Cooper Black.

FIGURA 2

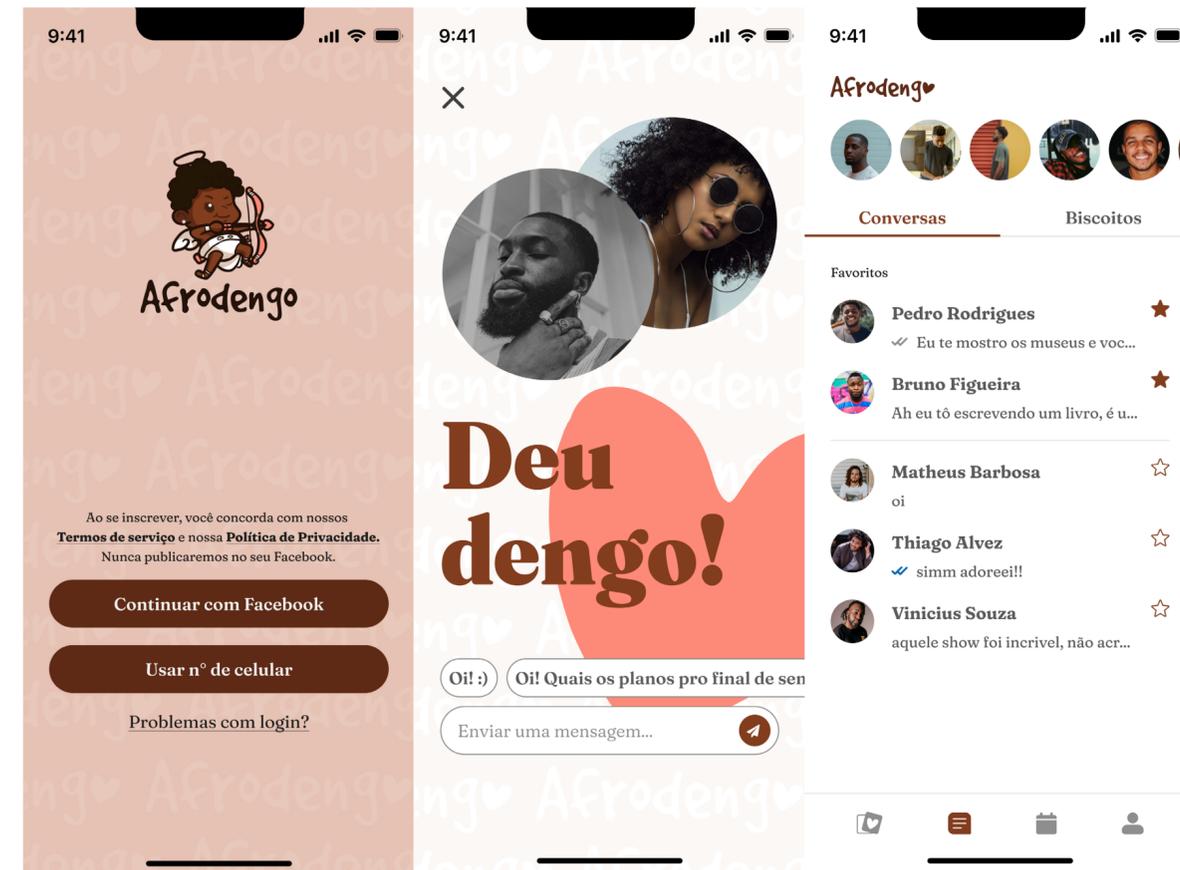
Mapa da empatia. Fonte: a Autora.



4. Paleta limitada, geralmente contém preto, branco e amarelo. Importante para auxiliar pessoas com baixa visão.

Com isso, foi possível a construção das telas do aplicativo (Figura 3).

É importante ressaltar que houve um processo de validação, em que foram realizadas duas reuniões para obter feedback de pessoas externas ao projeto, de modo informal. Para isso, foram mostradas as páginas existentes, havendo espaço para opiniões e ideias. Há, ainda, a possibilidade de novos testes futuros com grupos variados, incluindo pessoas com deficiência.



CONSIDERAÇÕES

É importante ressaltar como a época em que vivemos é fruto e consequência do que foi vivido no passado, então quando se fala que o Brasil é um país racista, se leva em consideração toda a história de formação do país, pautado na exploração e genocídio de pessoas negras. Esse

FIGURA 3

Páginas de Cadastro/Login, Match e Conversas. Fonte: a Autora. Fonte: Taulli (2020, p. 35), adaptado pela autora.

racismo estrutural afeta as pessoas não apenas no âmbito social, mas também psicológico, quando age, entre outras questões, na negação do afeto e deterioração da autoestima.

Entretanto, mesmo todas essas problemáticas não impediram que as pessoas negras formassem agrupamentos com o objetivo de resistência e afirmação, seja no âmbito comunitário, agindo de forma a ter aquilo que o Estado as negava, ou de socialização, valorizando a própria cultura e beleza. A exemplo do Footing e dos Clubes Sociais Negros.

Por isso, quando passamos para o meio digital, com a criação de novas tecnologias que perpetuam ou acentuam essa desigualdade — sendo desenvolvidas sem levar em consideração as questões que afligem a sociedade, com o chamado racismo algorítmico — esses fatores fazem com que o passado pareça se repetir, mas com uma nova roupagem. Sendo assim, nota-se a importância na formação de espaços de afirmação e resistência por pessoas negras

nesses novos ambientes digitais.

Tendo isso em vista, e como uma forma de auxiliar na luta contra esse ciclo de repetições e aprimoramento da desigualdade racial, o trabalho do designer digital se faz relevante, com o objetivo e a responsabilidade de pensar questões raciais, e demais formas de preconceito, em todo o ciclo do desenvolvimento projetual. Isso se deve também ao fato de que a construção de produtos digitais transcende o conceito de produto, criando novos espaços, ainda que virtuais. Por isso, é necessário que esses espaços sejam pensados de forma antirracista, impedindo que essa desigualdade se perpetue ou seja acentuada.

A criação da interface do aplicativo Afrodengo foi desenvolvida tentando levar em consideração um design inclusivo, entretanto, algumas pendências ainda existem, como, por exemplo, o teste e pesquisa com pessoas que possuem alguma deficiência visual, auditiva e motora — sendo este um ponto que deve ser trabalhado desde o início.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcio Mucedula. **Os clubes negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro: a história do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio em São Carlos-SP**. Interações, v. 2, n. 2, p. 91-105, 2007.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

AMERSHI, Saleema et al. **Guidelines for human-AI interaction**. In: Proceedings of the 2019 chi conference on human factors in computing systems. 2019. p. 1-13.

ANSARI, Aziz. **Romance moderno: uma investigação sobre relacionamentos na era digital**. Editora Paralela, 2016.

BALL, Jonathan. **The Double Diamond: A universally accepted depiction of the design process**. Design Council, 01, out. 2019. Disponível em: <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/archive/articles/double-diamond-universally-accepted-depiction-design-process/>. Acesso em: 08 out. 2023.

BATISTA, Rita de Cássia Souza Félix. **Clubes negros na espacialidade urbana de Juiz de Fora**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

BOWMAN, Jordan. **Fixing User Personas. UX tools**. Disponível em: <https://uxtools.co/blog/fixing-user-personas/?ref=uxtools-challenges>. Acesso em: 08 out. 2023.

BUOLAMWINI, Joy. **Como eu luto contra o preconceito em algoritmos**. TED, nov. de 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/joy_buolamwini_how_i_m_fighting_bias_in_algorithms/transcript?language=pt. Acesso em: 19 out. 2023

CAVALCANTE, Talita. **Pesquisa mostra que raça é fator predominante na escolha de parceiros conjugais**. EBC, 17, out de 2012. Seção Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/2012/10/pesquisa-mostra-que-raca-e-fator-predominante-na-escolha-de-parceiros-conjugais> . Acesso em: 02, dez de 2022.

CONHEÇA as regras do ‘footing’, a paquera de antigamente, que acontecerá hoje no centro de Matozinhos. Por dentro de tudo.com, 13, ago. 2023. Disponível em: <https://pordentodetudo.com.br/conheca-as-regras-do-footing-a-paquera-de-antigamente-que-acontecera-hoje-no-centro-de-matozinhos/>. Acesso em: 08 out. 2023.

COSTA, Natalia Alexandre. **Espaços negros na cidade pós-abolição: São Carlos, estudo de caso**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

COSTA, André. **Design do Futuro: UX Design para Inteligência Artificial.** The Starter, 2022. Curso online. Disponível em: <https://www.thestarter.io/design-do-futuro-ux-para-inteligencia-artificial-thestarter>. Acesso em: 24 out. 2023.

COUTO, Mia. **Mulheres de cinzas.** Editora Companhia das Letras, 2015.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo.** Editora Jandaíra, 2021.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais Negros: lugares de memória: resistência negra, patrimônio e potencial.** Dissertação de mestrado.

Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós-Graduação profissionalizante em Patrimônio Cultural. Rio Grande do Sul, 2010.

FERNANDES, E. G. **A cor do amor: racismo nas vivências amorosas de mulheres negras.** 2018. 105 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia (MAPSI), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2018.

GHIRELLO, Bárbara Campidelli; FERREIRA, Dr^a Jane Victal. **Ideário progressista e planejamento urbano: dos territórios negros à cidade dos barões de café.** Urbanisation in Latin America: Exclusion, Marginality and Conflict, 2017.

GLOBO. **Jornalista funda projeto para potencializar relações entre pessoas pretas.** Globo, 14, fev de 2022. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/redebahia/mosaicobaiano/noticia/jornalista-funda-projeto-para-potencializar-relacoes-entre-pessoas-pretas.ghtml> Acesso em: 02, dez de 2022.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** Editora Elefante, 2021.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **A cor do amor: características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras.** São Carlos: EDUFSCAR, 2018.

LEVY, Jaime. **Estratégia de UX: Técnicas de estratégia de produto para criar soluções digitais inovadoras.** Novatec Editora, 2021.

MARIA, Maria das Graças. **Clubes e associações de afrodescendentes na Florianópolis das décadas de 1930 e 1940.** História diversa. Florianópolis: UFSC, p. 263-277, 2013.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OISHI, Tanya F. **Tinder-ing Desire: The Circuit of Culture, Gamified Dating and Creating Desirable Selves.** University of Washington, 2019. Disponível em: <https://digital.lib.washington.edu/researchworks/handle/1773/45157> Acesso em: 02, dez de 2022.

PACHECO, A. C. L. **Mulher negra: afetividade e solidão.** Salvador: EDUFBA, 2013. 382 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16794/1/mulher-negra-RI.pdf> Acesso em: 18 de out. 2023.

PANTA, M.; PALLISSER, N. **“Identidade nacional brasileira” versus “identidade negra”:** reflexões sobre branqueamento, racismo e construções identitárias. Revista Espaço Acadêmico, v. 17, n. 195, p. 116-127, 4 ago. 2017.

PASSOS, Sabrina. **Conheça as regras do 'footing', a paquera de antigamente.** Jornal do Brasil, Cidade, 07, set. 2010. Disponível em: <https://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2010/09/09/conheca-as-regras-do-footing-a-paquera-de-antigamente.html>. Acesso em: 08 out. 2023.

PELÚCIO, Larissa. **Masculinidade, raça e desejo: Intimidade e política em aplicativos para relacionamentos**. Palestra proferida durante o Seminário Manda NUDES: Semioses Contemporâneas e Governamentabilidade. UERJ, Rio de Janeiro. 2016 (Mimeo).

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquette. **Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras**. 2019. 306 f. Tese (Doutorado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ROTH, Lorna. **Questão de pele**. Revista Zum, n. 10, 2016. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/questao-de-pele/> Acesso em: 18 de out. 2023.

RUDDER, Christian. **Dataclysm: Love, sex, race, and identity--What our online lives tell us about our offline selves**. Crown, 2014.

SAFIOTTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **“Black Soul”: Aglutinação espontânea ou identidade étnica – uma contribuição ao estudo das manifestações culturais no meio negro**. In.: Ciências Sociais Hoje, nº 2, ANPOCS, 1983.

SILVA, Tarcizio. **Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código**. Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos, p. 121-135, 2020.

SILVA, Tarcizio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. Edições Sesc SP, 2022.

SILVA, Tarcizio. **Tarcizio Silva: “O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural”**. [Entrevista concedida a] Daiane Batista. CEE: Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz Antonio Ivo de Carvalho, 30, mar. 2023. Disponível em: [VELASCO, Suzana. **Sob a luz tropical: racismo e padrões de e cor da indústria fotográfica no Brasil**. Revista Zum, v. 13, 2016. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/racismo-padroes-industria-brasil/> Acesso em: 18 de out. 2023.](https://cee.fiocruz.br/?q=Tarcizio-Silva-O-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural#:~:text=Racismo%20algor%C3%ADtmico%20%C3%A9%20%E2%80%9Cuma%20esp%C3%A9cie,ignor%C3%A2ncia%20para%20manuten%C3%A7%C3%A3o%20do%20poder%E2%80%9D>.>”. Acesso em: 08 out. 2023.</p></div><div data-bbox=)

ZANELLO, Valeska. **A Prateleira do Amor: Sobre Mulheres, Homens e Relações**. Editora Appris, 2023.



**FERNANDA
HENRIQUES**

Fernanda Henriques - Diretora da Faculdade de Arquitetura Artes Comunicação e Design (FAAC), Unesp, campus Bauru no quadriênio de 2020 a 2024. Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente dos cursos de graduação e pós-graduação em Design da Unesp. Líder do Grupo de Pesquisa “Design Gráfico Inclusivo: visão, audição e linguagem”. Presidente da Comissão de Segurança Alimentar Nutricional Sustentável da Unesp (Comissão Sans).

EMAIL: fernanda.henriques@unesp.br



**VICTÓRIA GOMES
LEAL**

Victória Gomes Leal: Graduada em Design Gráfico pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Participou do projeto de extensão universitária CEU (Centro de Empreendedorismo Universitário). O projeto apresentado nesse capítulo é fruto de uma pesquisa realizada para o trabalho de conclusão de curso e para a Iniciação Científica da Unesp (premiada como melhor pesquisa de IC na FAAC e segundo lugar na área de Humanidades da Unesp em 2023).

EMAIL: victoria.leal@unesp.br